

## **Eu sou a justiça: a mentalidade fascista em Death Note (2003)**

**Alana Gabriela Barros Doia da Silva**

Graduanda em História, UFAL; Grupo de Estudo e Pesquisa em História, Sociedade e Cultura; Grupo de Leitura em Estudos das Infâncias  
[alana.silva@delmiro.ufal.br](mailto:alana.silva@delmiro.ufal.br)

**Cléberton Luiz Gomes Barboza**

Graduado em História, UFAL  
[clebertonbarboza@gmail.com](mailto:clebertonbarboza@gmail.com)

**José Enes Alves Braga Júnior**

Graduando em História, UFAL; Grupo de Estudo e Pesquisa em História, Sociedade e Cultura  
[juniorfenrir@hotmail.com](mailto:juniorfenrir@hotmail.com)

### **RESUMO**

O objetivo desta comunicação é investigar a mentalidade fascista a partir da obra *Death Note*, de Takeshi Obata (arte) e Tsugumi Ohba (roteiro). O quadrinho japonês/mangá conta a história de um garoto de classe média alta que sonha com um mundo sem criminalidade, ele passa a matar (por meio do *Death note*) e manipular pessoas em prol de seu ideal de justiça. Há semelhanças entre as ações de Light (protagonista) e Eichmann, que matava assinando papéis, ou mesmo com os grandes ditadores do século XX. O fascismo afetou a história contemporânea, o imaginário, a cultura e até o conceito de justiça, logo, analisando as ações de Light, espera-se mostrar como o mal está banalizado e presente no cotidiano, Arendt diz que qualquer um é capaz de ser fascista, Deleuze afirmava que há um fascista em cada um de nós.

**PALAVRAS-CHAVE:** Death Note; Mentalidade Fascista; História Contemporânea

### **Introdução: História do Fascismo (1919-1943)**

A Primeira Guerra Mundial trouxe consequências à Itália de uma forma que Benito Mussolini e a sua ideologia cresceram. Em 1919, o país tinha culturas e economias diferentes nas partes Norte e Sul, no início do movimento fascista havia apenas 200 homens, a maioria classe alta: latifundiários e empresários de indústrias (PELLEGRINI, 2012, p. 22). No início, o movimento fascista era muito elitizado, abarcava apenas a parte de cima da hierarquia social, e exclusivista, a parte de baixo dessa não compunha o grupo, por conseguinte isso limitou a expansão dessa ideia e, provavelmente, os outros fascistas juntos a Mussolini tiveram que se repensar e ao movimento.

Entre 1920 e 1922, o fascismo italiano cresceu por causa da política de *squadrismo* que era contra ideias de esquerda e sindicalismo, ou seja, uma equipe ou grupo praticava

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

violência contra grupos socialistas e sindicais nas partes Norte e Centro do país. Essas ações resultaram no aumento numérico de fascistas (BLINKHORN, 2010, p. 40). Uma das características do fascismo é a utilização da violência, provavelmente, seus principais alvos eram os adeptos das vertentes comunista-marxista e comunista-anarquista, por causa da expansão do comunismo russo pós-Revolução de 1917.

Em 1922, as eleições italianas geraram uma crise com a vitória do PNF (Partido Nazionale Fascista) e fez com que o rei renunciasse ao cargo. A Marcha sobre Roma marcou a ascensão de Mussolini ao poder, essa ganhou esse nome porque os adeptos do fascismo marcharam até a capital italiana para comemorar a vitória do PNF,

a participação popular durante a cerimônia de posse de Mussolini e a imagem de cidadãos em farrapos aclamando o novo chefe de governo foi fundamental para a ideologia fascista, que nos anos seguintes seduziu grande parte do povo italiano (PELLEGRINI, 2012, p. 25).

Os italianos estavam cada vez mais aderindo ao fascismo e se sentindo representados por Mussolini ou *Duce* (líder), as propostas deste eram reformas para melhorar a vida do povo e acabar com a instabilidade política no país (PELLEGRINI, 2012, p. 26). Mussolini, ao chegar ao cargo de Primeiro Ministro Italiano queria desenvolver o país socioeconomicamente e implantar uma reforma política. A Itália estava em crise pós-derrota da Primeira Guerra Mundial e Mussolini apareceu como o salvador, aquele que traria a estabilidade e a união à Península Itálica; conseguiu seduzir a sociedade italiana com tamanha habilidade que as pessoas saíram de suas cidades à Roma para ver *Il Duce*.

Entre 1922 a 1943, Benito Mussolini passou por três fases (PELLEGRINI, 2012, p. 27): a administradora, a irrealista e a trágica. A primeira, *Il Mussolini Restauratore* (O Mussolini Restaurador), teve duração de seis anos e ele conseguiu aplicar as suas reformas, entre 1922-1927/1928, conseguiu reorganizar a política, a econômica e a educação italianas, entre 1926-9, aproximou-se da Igreja Católica, ganhou mais apoio popular e estabilizou o Fascismo na Itália. Nessa primeira etapa, o líder fascista conquistou ainda mais a população por causa da aproximação com a religião dominante, outra característica do fascismo, a religião católica, e administrar a Itália tirando-a em parte da crise político-econômica pós-guerra.

A segunda fase (PELLEGRINI, 2012, p. 28), em 1927, Mussolini entrou em contradição, ele queria mais poder e desejava a Itália como uma potência mundial, isso o

levou a entrar para o Eixo (Alemanha-Itália-Japão) na Segunda Guerra Mundial, devido a essa escolha, a Itália, que não tinha saído bem da Primeira Guerra Mundial, ficou ainda pior, o Fascismo e Mussolini começaram a decair. A terceira fase (PELLEGRINI, 2012, p. 29), Mussolini não tinha mais apoio do povo e as suas ideias não representavam mais as pessoas, ele desuniu o país e esqueceu o nacionalismo italiano para forçar os seus conterrâneos a aceitarem as ideias do Partido Nazista Alemão, ele conseguiu desestabilizar a Itália tanto politicamente quanto economicamente e o país estava de volta ao caos.

Na segunda etapa da administração fascista, o fascismo fascinou e cegou o salvador, ele pretendia fazer da Itália uma potência a partir da expansão do fascismo e da dominação de outros povos junto aos alemães e japoneses. A Itália foi derrotada na Primeira Guerra Mundial e entrou em contradição visando primeiro a expansão do fascismo, entretanto a recuperação político-econômica do país europeu ficou em segundo plano.

Na última etapa da administração Mussolini, ele estava cego pelo poder e visava apenas a expansão do fascismo acima de tudo, as pessoas começaram a se afastar do ideal, o Nazismo alemão fascinou ainda mais o fascista italiano, a Itália devia aceitar as ideias nazistas à força pelo “bem” da Península Itálica. A economia e a política voltaram a entrar em crise.

### **Características e ascensão do fascismo**

Um governo totalitário tem como característica essencial a submissão de uma sociedade as ideias de seus líderes e o convencimento sem esforço das pessoas a essas (PELLEGRINI, 2012, p. 43). As ideias fascistas do italiano Benito Mussolini ganharam força devido à crise consequente do fim da Primeira Guerra Mundial na Europa, esse conquistou o povo através da oratória, os discursos eram tão poderosos que tocavam todas as classes sociais. O fascismo italiano conseguiu motivar a Itália e havia a mesma ideia do nazismo e do bolchevismo, unir em prol de uma causa. Outra característica importante dos regimes totalitários é a aproximação das classes altas com as mais baixas por meio dos líderes (PELLEGRINI, 2012, p. 44).

Mussolini conseguiu aproveitar a crise que a Itália passava pós-Guerra para vender e levar sua ideologia como a alternativa para salvar a Itália, isso só foi possível graças à sua habilidade com a oratória, que conseguiu fazer muitas pessoas de toda a hierarquia social defendessem a sua causa. O fascista obteve êxito em unir por muito tempo italianos

economicamente desiguais para salvar o país, expandiu a ideologia fascista e a sociedade aceitou-a (quase) de forma espontânea.

Benito Mussolini alavancou o fascismo porque conseguiu realizar um dos sonhos italianos, fazer da Itália uma potência mundial daquela época, o líder fascista ressuscitou lições e heranças culturais romanas. “A unidade moral e nacional, proposta pelo fascismo, era a base da organização, da disciplina e do regime do Estado italiano que remetiam às tradições da Roma Antiga” (PELLEGRINI, 2012, p. 45), Mussolini conseguiu ganhar apoio popular por causa dos seus discursos que estimulavam as pessoas de toda a hierarquia social e ressuscitou o nacionalismo italiano. *Il Duce* realizou o desejo de gerações de italianos, *Make Italy Great Again* (Fazer a Itália Grande de Novo) ou uma potência global, ele recorreu ao passado da Roma Antiga para fortalecer e restituir o nacionalismo e moralizar a Itália a partir do ideal fascista.

Outra particularidade do fascismo como movimento é a habilidade de unificar um povo. Os italianos eram e são divididos em região Norte e Sul, isso causou problemas para a maioria desse estado-nação, entretanto foi importante para a criação do fascismo. Os fascistas defendiam o estabelecimento de uma ordem e de normas de convivência na Península com intenção de unificar as pessoas e fortalecer o país, uma disciplina obrigatória foi acrescentada ao currículo das escolas italianas do ensino fundamental - incluiu no currículo uma disciplina que doutrinava as crianças com ideias fascistas desde a infância, isso ajudou o movimento a crescer e ser mais aceito: “*Il Duce*, e porque não o fascismo, unificou a Itália não em termos territoriais, essa tarefa já havia sido cumprida pelo *Risorgimento*, mas, pela primeira vez, unificou a Itália enquanto povo” (PELLEGRINI, 2012, p. 47). O movimento fascista conseguiu unir os italianos do Norte e os do Sul para lutarem pela mesma causa, reconstruir e tornar a Itália uma potência através da visão fascista, isso fortaleceu essa.

O fascismo italiano enfeitiçou a população da Itália através da proposta da paz de Mussolini e não da guerra. A particularidade (PELLEGRINI, 2012, p. 47-8) do movimento fascista italiano de outros governos totalitários é o perfil italiano, as economias desiguais do Norte e do Sul não foram suficientes para dividir o país europeu, esse tem uma tradição de ser guerreiro e imperialista e quer propagar sua cultura pelo mundo, assim como a Grécia, a Itália tem seus heróis também. Esta tradição deu a oportunidade de Mussolini fortalecer a Itália através dos resgates do nacionalismo e da moral: “porque sabia que haveria alguém para punir”.

Os líderes fascistas trabalharam bem o fascismo no imaginário popular da Itália pós-Primeira Guerra Mundial tanto recuperando a tradição do italiano herói-guerreiro-imperialista para revigorar a Península Itálica por meio da união dos italianos por uma questão nacional e de regras de boa conduta quanto por meio do discurso de não violência, mas sendo violentos.

Outra particularidade do movimento fascista foi a forma como cresceu e se expandiu. O fascismo italiano estava baseado naquela tradição e na emoção dos italianos, o estado-nação estava ligado à moral e à civilidade, discordava dos socialistas que afirmavam que a economia edifica os estados, o líder fascista acreditava, o seu discurso estava cheio disto, que a Itália-Nação não se limitava à divisão de classes ou às diferenças econômicas entre Norte-Sul, o povo era quem ia tornar o país imperialista. Assim, “o fascismo, em seu conceito mais simples, pode ser interpretado como a tradução da fé e do espírito italiano, que seduziu toda a Península Itálica e contagiou diversas outras nações” (PELLEGRINI, 2012, p. 50).

Os fascistas expandiram sua ideologia a partir do retorno à história da Itália e fortificação dessa, dos discursos deslumbrantes que atingiram o povo italiano, do ódio contra ideologias de esquerda, principalmente o marxismo, e da negação de ideias dessas e do objetivo de outras gerações de tornar a Itália uma potência mundial. Aquela é uma ideologia de extrema-direita, ultranacionalista e supremacista ou, simplesmente, um “fenômeno da sociedade de massas” (SILVA, K.; SILVA, M., 2009, p. 141). O fascismo italiano pode ser considerado um fenômeno diferente e único na história moderna, além de os motivos de Mussolini e o fascismo terem ascendido ao poder porque:

Seus ideais e doutrinas foram cravados no seio das tradições e crenças de todo um povo. Para Mussolini, bem como para grande parte dos estudiosos do fascismo, todo o processo que levou à proclamação do império foi fruto do trabalho, da força, do pensamento e da paixão do povo italiano (PELLEGRINI, 2012, p. 51).

### **A mentalidade fascista**

No século XIX, Dostoiévski nos apresentava, em seu romance *Crime e Castigo* (1866), o personagem Raskólnikov, que tinha a teoria de que um grande homem é aquele que é capaz de estar além dos sentimentos morais, e a maior prova de que chegou a esta condição superior é ser capaz de matar uma pessoa sem sentir remorso. Júlio César, Alexandre, O grande e Napoleão seriam, para Raskólnikov, exemplos de grandes homens por isso. Em *Os Irmãos Karamazov* (1880) as sérias discussões sobre o niilismo de seu tempo e a provocação de Ivan Karamazov, de que se Deus não existe, então tudo seria permitido, trazia consigo a

possibilidade de matarmos uns aos outros a nosso bel prazer, pois não há mais um princípio moral (Deus) que nos diga que isso é errado. Dostoiévski se esforçava para revelar os dilemas humanos e alertar para a necessidade, ademais, cristã, do amor ao próximo, seja através do sentimento de culpa de Raskólnikov, seja nas crises existenciais que em geral ele lançava seus personagens.

As crises existenciais e a culpa de Light Yagami, no entanto, não duram muito, quase nada. Ele é um estudante exemplar, o primeiro em sua turma, motivo de orgulho para sua família e admirado pela sociedade. Encontra o *Death Note*, mesmo duvidando de sua eficácia recebe em testa-lo, pois isso o tornaria um assassino, entretanto ao ver no noticiário um criminoso mantendo crianças reféns, escreve seu nome, este homem morre como o previsto, um ataque cardíaco. Comprovada a eficácia daquele caderno, Light decide ser o arauto do novo mundo, pois somente ele seria capaz de purificar o mundo, dedicando a esse propósito seu corpo, mente e alma.

Após cinco dias com a posse do *Death Note* matou (ele usa o termo eliminar, mostrando a forma cartesiana que o mesmo encara suas vítimas, se equiparando a eliminar uma doença para que curar ) os criminosos mais perigosos do mundo, todos de parada cardíaca, com o intuito de “vou fazer com que o mundo saiba da minha existência, todos saberão que existe alguém que faz justiça” (OHBA E OBATA, 2003, p. 45, vol. 1), tornando-se o marco do novo rumo que tomou sua vida em busca de seus ideais, matando todos que apodrecem o mundo, deixando uma “marca de justiça”, mesmo sem usar a retórica propriamente dita, para que todos saibam que estão sob sua justiça, surgindo então o que as massas nomearam de Kira.

O teor humanístico de *Death Note* certamente não aparece como uma questão de consciência do protagonista, mas de seu entorno. O detetive mundialmente conhecido como L afirma logo sobre Kira que ele possui uma noção infantil de justiça. Apesar de dotado de grande inteligência, Light é taxativo ao dividir as pessoas em boas e más, o velho discurso do bem e do mal não cessa de estar presente entre aqueles que querem eliminar o que consideram mal, creditando a essa ideia a capacidade de eliminar a “podridão do mundo” e sendo ele o detentor do único meio de executar essa solução. Light é um autêntico fascista. Mas como se dá a mentalidade fascista?

Enquanto fenômeno político do século XX, há uma definição mais segura, mas, quanto a mentalidade fascista, isto é, se tomarmos o tipo fascista exatamente como aquele que

deseja eliminar o outro, a diferença, o que de fato dá margem para todos os autoritarismos, encontraremos, em contraparte, exemplos de fascismo em toda história da humanidade. Ora, matar o que é considerado mal não era o que fazia a inquisição e a caça às bruxas? Não seriam Júlio César e Alexandre, O grande, exemplos de fascismo? Para delimitar a mentalidade ou a inclinação ao fascismo, é preciso ter em mente que este um tema que pertence a uma discussão que envolve a modernidade e o mundo contemporâneo, até mesmo pela natureza e o uso do termo fascismo estar mais restrito a história do século XX em diante. De acordo com Marcia Tiburi (2016, p. 68):

Eu sou autoritária quando, sem pensar, imponho violentamente os meus desejos e pensamentos sem me preocupar com o que os outros estão vivendo e pensando; quando penso que meu modo de ver o mundo está pronto e acabado; quando esqueço que a vida social é a vida da convivência e da proteção aos direitos de todos os que vivem no mesmo mundo que eu. Não sou democrática quando minhas ações não contribuem para a manutenção da democracia como forma de governo do povo para o povo.

A autora situa o autoritarismo no contexto de uma ruptura com a democracia moderna, sendo a própria modernidade enredo no qual as lutas contra o fascismo devem se dar. Ademais, a identificação do autoritarismo como a imposição de ideias sem permitir que a voz dos outros participe da construção constante da sociedade é um ponto que atravessa o comportamento de nosso personagem. O mangá deixa explícita as intenções de Light em seu projeto de ser o “Deus do novo mundo” (OHBA E OBATA, 2003, p. 47, vol. 1). Reconhece que seu plano está ameaçado pelo detetive L, ao matar um homem que apareceu em um comunicado oficial alegando ser o L, que prometera encontrá-lo e prendê-lo, caiu na armadilha criada pelo L (detetive), revelando a região onde mora (Kanto, Japão), pois a transmissão televisiva foi feita apenas nesta localidade. Assim, iniciando uma batalha entre convicções de justiça.

Fazendo uso de informações privilegiadas (pois seu pai é um dos detetives determinados a prender o Kira), começa a testar o poder do caderno (matando presidiários), de forma a provar ao L seu intelecto superior e quebrar a confiança que os depois policiais depositavam no L (OHBA E OBATA, p. 157, vol. 1). Com sua mente brilhante, manipula as pessoas ao seu redor para que seus planos ocorram do modo planejado, usando se sagacidade para lidar com os imprevistos.

Nesse processo desvirtua-se de seu objetivo inicial e seus planos voltam-se para a obtenção e manutenção do poder. Mata agentes do FBI enviados pelo L, para que não que ele

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

não seja descoberto (OHBA E OBATA, p. 229, vol. 1). Enquanto mata como Kira, ingressa na faculdade como Light para manter as aparências, renovando o mundo, para que o “deus do novo mundo” se revele.

Torna-se membro da força tarefa que procura o Kira, na tentativa de descobrir a verdadeira identidade do L e tornar-se um membro de confiança. Alia-se a ele uma outra proprietária de *Death Note* (Misa Amane), que é usada como extensão de seu poder. Conseguiu conquistar a confiança de todos os membros da equipe, exceto a do L, sob a tese de que o Kira poderia ser o inconsciente de alguém, alega que poderia ser o Kira, submetendo-se a prisão e vigilância 24 horas por 53 dias. Para manter o ritmo de assassinatos, abre mão do caderno, juntamente com ele se vai as memórias de seus atos como Kira (OHBA E OBATA, p. 393, vol. 2).

Ajudou a capturar o novo proprietário do caderno e como o planejado recupera o caderno e suas memórias, usando a Misa como refém obriga o Shinigami Rem a matar o L e Watari, assume a liderança da operação sobre a alcunha de L. Silenciosamente as massas populacionais curvam-se perante ao Kira, depositando suas frustrações, inseguranças do sistema então vigente e conduzindo sua esperança a uma entidade (Kira) desconhecida – pois era desconhecido a forma de atuação e seu ideal de justiça – extremamente autoritária, mas que inspirava um imaginário de proteção, justiça, imparcialidade, o arauto de um novo mundo.

Light entrega um dos cadernos a um seguidor para continuar suas punições, pois inesperadamente havia sucessor de L, que acreditava que ele era o Kira. Usou a apresentadora Kiyomi para ser a sua porta voz para difundir seus ideais, parecendo ser o momento oportuno, em vista da aceitação e medo instaurado na população.

Entretanto, foi em meio a essa confiança e segurança em sua onipotência do Light, que o sucessor do L (Nier) conseguiu fazer uma emboscada para o Kira, que acreditava estar no controle da situação, mas teve seus planos arruinados por subestimar a sagacidade de seu oponente (OHBA E OBATA, 2003, p. 381, vol. 6).

Além da personalidade autoritária, cabe notar o próprio caderno, definida no fim da trama como a maior arma de destruição em massa que já passou pelas mãos humanas, é notável como ele se encaixa perfeitamente nos dizeres de Hobsbawn (1995, p. 56), quanto a mudança da sensibilidade humana com avanço da tecnologia na Primeira Guerra Mundial:



A nova impessoalidade da guerra, que tornava o matar e estropiar uma consequência remota de apertar um botão ou virar uma alavanca. A tecnologia tornava suas vítimas invisíveis, como não podiam fazer as pessoas evisceradas por baionetas ou vistas pelas miras de armas de fogo. Diante dos canhões permanentemente fixos da Frente Ocidental estavam não homens, mas estatísticas nem mesmo estatísticas reais, mas hipotéticas, como mostraram as contagens de corpos de baixas inimigas durante a guerra americana no Vietnã.

O distanciamento entre quem mata e quem é morto, o distanciamento promovido pela presença do próprio instrumento de morte, promove, como bem capta Hobsbawn, uma perda da sensibilidade com a vida, que agora é vista apenas como alvo, como exemplifica Hobsbawn (1995, p. 56):

Lá embaixo dos bombardeios aéreos estavam não as pessoas que iam ser queimadas e evisceradas, mas somente alvos. Rapazes delicados, que certamente não teriam desejado enfiar uma baioneta na barriga de uma jovem aldeã grávida, podiam com muito mais facilidade jogar altos explosivos sobre Londres ou Berlim, ou bombas nucleares em Nagasaki [...]. As maiores crueldades de nosso século foram as crueldades impessoais decididas a distância, de sistema e rotina, sobretudo quando podiam ser justificadas como lamentáveis necessidades operacionais.

O progresso da técnica não é tema de *Death Note*, pelo contrário, o caderno é um instrumento sobrenatural, vindo do mundo dos *shinigamis*, mas o distanciamento posto pelo caderno permite que se mate à distância. Light, no entanto, não é simplesmente um soldado da guerra que, em tempos de paz não faria mal a ninguém, isto é, que precisa deste distanciamento; Light, tão logo entenda as regras do caderno, começa a usá-las sem nenhum pudor, e a matar pessoas com as quais ele tem contato pessoal, incluindo seu próprio pai. Os traços de sociopatia de Light podem ser discutidos em outro momento, fato é que esses traços se desdobram dentro de seu plano de limpeza social, de expurgar mal do mundo, criando uma verdadeira seita conforme a trama se desenrola, inclusive com discípulos fiéis como Teru Mikami, encarregado a partir de determinado momento a escrever os nomes no caderno.

Mikami pode ser interpretado como uma espécie de “efeito Eichmann”. É claro que escrever no caderno uma lista de nomes de pessoas que vão morrer, segundo os critérios de Kira, o líder, o Deus, o Fuhrer, aparece logo como uma tarefa burocrática, mas também letal (fazendo de um caderno o instrumento mortal, aproximando da noção de assassinato e burocracia, não havendo uma distinção entre o registro, o carimbo, o nome no papel, e a morte – uma implica no outro).

O problema com Eichmann era que exatamente muitos eram como ele, [...] assustadoramente normais. Do ponto de vista de nossas instituições e de nossos padrões morais de julgamento, essa normalidade era muito mais apavorante do que todas as atrocidades juntas, pois implicava que [...] esse era um tipo novo de criminoso, efetivamente *hostis generis humani*, que comete seus crimes em circunstâncias que tornam praticamente impossível para ele saber ou sentir que está agindo de modo errado (ARENDR, 1999, p. 299).

O conceito de banalidade do mal em Hannah Arendt exprime o pensamento de que qualquer pessoa, dentro de um sistema social de lhe permita praticar o mal, isto é, que normatize a prática da crueldade, do assassinato, do genocídio, da tortura, como, enfim, parte das regras, dentro das leis, e portanto práticas as quais seus executores, uma vez entendidos dentro da lei, só possam ser entendidos no sistema social e eles próprios entenderem a si mesmos como pessoas de bem, ou no mínimo como cumpridores do dever, pessoas eficientes, jamais como criminosos. Eichmann não se entendia como criminoso, era um burocrata dentro de um conjunto de regras. Matou milhares de judeus.

O contexto de *Death Note* nos apresenta o mundo dos deuses da morte, os *shinigamis*, e o *Caderno da Morte*, que tem suas próprias regras e pertence a um outro ordenamento de leis, as leis dos shinigamis. Em suma, para usar o caderno deve-se seguir suas regras, assim não apenas Mikami, mas o próprio Light, embora assuma todos os ares manipuladores e não seja passivo às regras (fugindo um tanto ao tipo Eichmann), precisa seguir as leis desse outro universo dos deuses da morte. Light se sente predestinado, privilegiado por receber o caderno (que na verdade lhe chega por mero acaso) e poder realizar seu plano maior. Assim, Light assume sua função de fuhler e Mikami, de Eichmann. Existe um conjunto de regras que garante que aqueles que as sigam sejam os bons, o bem, numa luta contra o mal. Eles jamais se dão conta de estão sendo criminosos. Um dos diálogos da trama, entre Light e o shinigami Ryuk, Light afirma que vai eliminar todas as pessoas más do mundo, o shinigami retruca que assim a única pessoa má que restará seria o próprio Light, que desconversa, “não sei do que você está falando” (OHBA E OBATA, 2003, p.46, vol. 1).

### **Considerações finais**

Temos então três elementos: a personalidade autoritária, o instrumento para realizar o autoritarismo e a banalidade do mal. Num dado momento da trama a sociedade passa a viver com medo de morrer, pois sabe que existe uma força (Light/Kira) julgando os atos de todos,

isto é a população passa a ter se adequar aos critérios postos por Kira, aqueles que não se adequam podem ser denunciados e mortos, Kira se torna a lei e toda a população, ciente ou não, passa a colaborar com essas leis, coagidos ou de bom grado.

Em suma, falar da mentalidade fascista em *Death Note* não se restringe a falar apenas do protagonista, todos a sua volta tem algo a oferecer para uma crítica do fascismo. Com efeito, não foi necessariamente com essa intenção que Tsugumi Obha escreveu o roteiro, visando uma crítica do fascismo, nem sequer ter o fascismo como tema – vale lembrar que essa palavra, fascismo, não aparece nenhuma vez no decorrer da trama. É muito cabível pensar em *Death Note* como uma discussão sobre o conceito de justiça, apresentando as perspectivas de Light e do detetive L, personagem fundamental para contrapor as intenções do protagonista, que aos poucos vai se revelando como vilão.

Em todo caso, a intenção deste trabalho foi mostrar uma leitura possível, e que não se esgota aqui, do mangá como fonte para se discutir temas históricos, neste caso o fascismo (que decorre da discussão sobre justiça), e como um elemento da cultura pop pode contribuir para uma reflexão sobre um tema sério, relevante e urgente, que retorna à sociedade. A acessibilidade dessas plataformas – o anime, o mangá, o cinema, etc. – tornam o conteúdo mais rico para introdução aos temas de que se quer tratar, inclusive em sala de aula.

### Referências

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HOBBSAWN, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

OHBA, Tsugumi; OBATA, Takeshi. **Death Note (Black Editon).** São Paulo: JBC, 2003, vol.1.

OHBA, Tsugumi; OBATA, Takeshi. **Death Note (Black Editon).** São Paulo, JBC, 2003, vol.2.

OHBA, Tsugumi; OBATA, Takeshi. **Death Note (Black Editon).** São Paulo, JBC, 2003, vol.3.

OHBA, Tsugumi; OBATA, Takeshi. **Death Note (Black Editon).** São Paulo, JBC, 2003, vol.4.

OHBA, Tsugumi; OBATA, Takeshi. **Death Note** (*Black Editon*). São Paulo, JBC, 2003, vol.5.

OHBA, Tsugumi; OBATA, Takeshi. **Death Note** (*Black Editon*). São Paulo, JBC, 2003, vol.6.

PELLEGRINI, M. C. D'A. **O Fascismo e as fases de Benito Mussolini**. Dissertação (Mestrado em Economia). Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo, 2012.

SILVA, K. V; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. Disponível em: <<https://efabiopablo.files.wordpress.com/2013/04/dicionc3a1rio-de-conceitos-hisc3b3ricos.pdf>>. Acesso em: 29 de dezembro de 2018.

TIBURI, Marcia. **Como conversar com um fascista**: reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2016.